

RESUMO SIMPLES - PROMOÇÃO DE SAÚDE A PARTIR DE UMA
PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E INTERSECCIONALIDADE: UMA PESQUISA
QUALITATIVA EM BELÉM DO PARÁ**

Fabiana Fernandes Matos Guerra (fabianafmguerra@hotmail.com)

Monalisa Silva Lopes (monalisasl78@gmail.com)

Isabelly Monique Figueiredo Pinheiro (isafigueiredo888@gmail.com)

Bárbara Araújo Sordi (barbarasordi@hotmail.com)

Até meados do século XVII, o parto era um assunto exclusivamente feminino. Com a

modernidade, os médicos começaram a ser introduzidos, tornando este momento

hospitalocêntrico e medicalizado, no qual a mulher deixa de ser a figura central. É nesse

espaço de perda de protagonismo que a violência obstétrica passou a ocorrer, caracterizada como todo e qualquer ato violento realizado pela equipe de saúde, ocorrido

antes, durante e/ou depois do parto, incluindo a assistência em situações de abortamento.

O presente estudo tem como objetivo compreender, a partir do relato de mulheres cis

sobre seu acompanhamento pré-natal, parto e puerpério, a percepção destas mulheres e

os efeitos psicossociais da violência obstétrica durante a vivência do puerpério. Esta

pesquisa tem caráter exploratório de abordagem qualitativa realizado com três mulheres

que passaram ou estavam passando pelo período puerperal, com partos ocorridos em redes

públicas ou privadas de saúde, as quais responderam a 4 perguntas semiabertas. Os

resultados dessas entrevistas passaram por uma análise de dados e foram organizados em

3 categorias: Aspectos do pré-natal; Aspectos do parto e Efeitos no puerpério. Com base

nos relatos, verificou-se como a violência obstétrica se apresenta de diversas formas, a

partir dos marcadores de raça e classe social, e que todas apresentaram sentimentos de

angústia, medo, culpa por conta das violências sofridas. Outro fator evidenciado, a partir

de duas participantes, foi o desconhecimento do que seria violência obstétrica, não

nomeando tal violação, apesar de sentir seus efeitos ou de identificando condutas

inadequadas. De acordo com as análises, verificou-se que apesar da violência obstétrica

no pré-natal trazer sofrimentos, foi a violência no parto o principal fator de risco à saúde

mental de mães e na relação com os bebês durante o puerpério. Dentre os efeitos

apresentados, encontrou-se dores físicas, inflamações após procedimentos no parto,

sentimento de raiva, choros constantes, dificuldade na amamentação, culpa e sensação de

déficit em relação ao parto, com dificuldade em vincular com momento presente. Também

se constatou que as práticas de humanização no pré-natal, no parto e no puerpério, quanto

a amamentação, foram positivas, sendo importantes para as mulheres nesta pesquisa.

Conclui-se, portanto, a relação direta de práticas de humanização do parto e do protagonismo feminino com puerpério vivido de forma satisfatória e de vinculação na

relação mãe e bebê, bem como do prejuízo da violência obstétrica para saúde mental de

mulheres e de marcadores de classe e raça incidindo diretamente neste processo.

Palavras-chave: violência obstétrica; mulheres; puerpério; saúde mental.